

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA  
LETRAS - PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

**ALISSON FRANCISCO NEVES MARTINS**

**DIALOGISMO NO DISCURSO POLÍTICO: ANALISANDO A COMISSÃO PARLAMENTAR DE  
INQUÉRITO DA COVID-19**

**Bagé  
2022**

**ALISSON FRANCISCO NEVES MARTINS**

**DIALOGISMO NO DISCURSO POLÍTICO: ANALISANDO A COMISSÃO PARLAMENTAR DE  
INQUÉRITO DA COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Isabel Cristina Ferreira Teixeira

**Bagé  
2022**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do  
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

M386d Martins, Alisson Francisco Neves  
Dialogismo no Discurso Político: Analisando a Comissão  
Parlamentar de Inquérito da COVID-19 / Alisson Francisco Neves  
Martins.  
40 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-- Universidade  
Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA  
PORTUGUESA, 2022.  
"Orientação: Isabel Cristina Ferreira Teixeira".

1. Dialogismo. 2. Gêneros do Discurso. 3. Discurso  
Político. I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
Universidade Federal do Pampa

**ALISSON FRANCISCO NEVES MARTINS**

**DIALOGISMO NO DISCURSO POLÍTICO: ANALISANDO A COMISSÃO PARLAMENTAR DE  
INQUÉRITO DA COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 11/08/2022.

Banca examinadora:

**Profa. Dra. Isabel Cristina Ferreira Teixeira**

**Orientadora  
(UNIPAMPA)**

**Prof. Dr. Nathan Bastos de Souza**

**(UNIPAMPA)**

**Prof. Dr. Thiago Santos da Silva**

**(UNIPAMPA)**



Assinado eletronicamente por **ISABEL CRISTINA FERREIRA TEIXEIRA, PROFESSOR DO MAGISTERIOSUPERIOR**, em 16/08/2022, às 10:51, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.

---



Assinado eletronicamente por **NATHAN BASTOS DE SOUZA, PROFESSOR MAGISTERIO SUPERIOR- SUBSTITUTO**, em 16/08/2022, às 20:48, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com asnormativas legais aplicáveis.

---



Assinado eletronicamente por **THIAGO SANTOS DA SILVA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 17/08/2022, às 14:29, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com asnormativas legais aplicáveis.

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.unipampa.edu.br/sei/controladorexterno.php?acao=documentoconferir&idorgaoacessoexterno=0>, informando o código verificador **0897771** e o código CRC **67DCBD31**.

Referência: Processo nº 23100.016724/2022-66 SEI nº 0897771

## **Agradecimentos**

Para começar meus agradecimentos, me vejo na obrigação de voltar ao início de minha trajetória no curso de Letras - Português e Literaturas da Língua Portuguesa que se iniciou lá no primeiro semestre de 2016. Durante minha graduação na Universidade Federal do Pampa atravessei inúmeros obstáculos, lembro do quão difícil era imaginar a formatura diante daquele começo, onde cada aula significava um desafio a ser superado. Tive a felicidade de fazer grandes amigos na instituição, entre os tais estão Alexandre Moreira, Michel Souza, Lázaro De Bem, Bruno Maubrigades e não poderia deixar de fora meus colegas Nathalia Stoll e Guilherme Paro os quais dividiram muitas de suas experiências e aprendizagens comigo durante minha participação no Pibid (Programa de Iniciação a Docência). Agradeço também a minha querida professora Isabel que hoje me orienta a frente deste estudo. Ela me motivou em meio a um difícil período que passei após minha participação no Programa de Residência Pedagógica no ano de 2018-2019. Pensei em desistir no meio do caminho mas acredito que sempre Deus coloca pessoas iluminadas em nosso caminho para abrir os nossos olhos. No meu caso tive o prazer de conhecer a professora Isabel Cristina Ferreira Teixeira que me auxiliou com palavras de encorajamento que resgataram minha vontade de estar de volta ao caminho que hoje me conduz à conclusão da graduação. Acredito que a universidade é um espaço em que temos um encontro com nós mesmos e com certeza posso relatar que tive vários recomeços na minha caminhada acadêmica. Sou grato ao professor Thiago Santos que me proporcionou uma nova chance de fazer parte novamente do Programa de Residência Pedagógica, onde as atividades de regência se realizaram de maneira remota devido a proeminência da COVID-19. Nesta ocasião, tive a oportunidade de trabalhar com meu amigo Alexandre Moreira, o qual já citei, conheci novos colegas ainda que por videoconferência e destaco esta experiência como um somatório para que hoje eu possa estar realizando meu sonho de me formar em uma graduação em uma universidade federal.

Agora concluo meus agradecimentos sem deixar de fora as pessoas que sempre torceram e estiveram ao meu lado desde o começo nesta dura jornada. Primeiramente agradeço às orações de minha mãe e os conselhos de meu pai que em meio às dificuldades enfrentadas ao longo do caminho, a exemplo da professora

Isabel, me levaram a retomada definitiva rumo à formatura. Não posso deixar também de recordar o restante de minha família, em especial meus queridos irmãos, Carlos Alexandre, Carla Franciélen e Luciana Borges Saraiva que apesar da distância sempre me apoiou em suas ligações e vídeo chamadas.

A minha mãe Helena Martins e ao meu pai Carlos Francisco Silva Martins dedico esta conquista, já que vocês estiveram ao meu lado em todos os momentos de minha graduação.

E para finalizar não poderia esquecer minha esposa Deborah Alves que teve de ter paciência comigo principalmente neste último momento de conclusão do curso em que estive voltado à escrita deste trabalho de conclusão. Sou grato por sua vida. minha eterna namorada, esta vitória é nossa!

E neste instante em que termino meus agradecimentos, relato que se não fosse Deus nada disso estaria acontecendo e agradeço a ele por me proporcionar mais esta realização pessoal que me trouxe crescimento e amadurecimento.

## RESUMO

Este trabalho tem como objeto o diálogo produzido durante o desenrolar da Comissão Parlamentar de Inquérito da COVID-19, realizada entre abril e outubro de 2021, para avaliar as ações e omissões do governo federal. Das longas sessões da CPI, selecionamos fragmentos das falas dos ex-ministros da saúde em embate com os parlamentares. Como objetivo geral elegemos o de observar o dialogismo no discurso político. E como objetivos específicos os de caracterizar a comissão parlamentar de inquérito enquanto gênero discursivo; refletir sobre o dialogismo nos enunciados proferidos pelos participantes da CPI; e analisar estratégias próprias do discurso político presentes nos discursos dos ministros e parlamentares envolvidos na situação comunicativa. Amparados por Bakhtin (2006; 1997) e Charaudeau (2006), além de Fiorin (2016), Travaglia (1996), entre alguns outros, destacamos no que se refere à sessão da CPI, quanto à sua forma composicional, que instaura uma situação específica de interação, um diálogo relativamente regrado, que pode ser caracterizado como um gênero híbrido, uma vez que articula gêneros primários, mais informais e coloquiais, predominantemente orais; e secundários, mais formais e estruturados, predominantemente escritos. Observamos a sessão da CPI como um espaço amplo que materializa recursos linguísticos de toda ordem; temos além da pergunta e da resposta, a réplica e, eventualmente, a tréplica; além disso, há citações de autores, de fontes jornalísticas, científicas e legais, ou seja, a sessão da CPI é o espaço do embate, do diálogo, do dialogismo, onde os enunciados significam em função de outros enunciados; e sua performatividade está relacionada aos participantes e às condições de seu dizer. No que se refere às falas dos ex-ministros, destacamos aspectos considerados dominantes: em L. H. Mandetta, a credibilidade e a justificação amparada pelo conhecimento que convence os interlocutores; em N. Teich, o discurso caracterizado pelo vago, pela imprecisão, pela lacuna que prejudicam sua credibilidade; em E. Pazuello, destacamos a dissimulação, a estratégia do silêncio e do vago. Salientamos, por fim, a importância da discussão sobre os temas tratados na CPI; a partir dela, procuramos refletir sobre o modo como a linguagem é ação e interação, sobre o modo como o estudo da linguagem permite compreender os acontecimentos, a posição dos que detêm poder e a nossa posição diante deles.

Palavras-chave: dialogismo; gênero do discurso; discurso político.



## **ABSTRACT**

This work has as its object the dialogue produced during the course of the Parliamentary Commission of Inquiry on COVID-19, carried out between April and October 2021, to evaluate the actions and omissions of the Federal Government. From the long sessions of the PCI, we selected fragments of the speeches of the former Health Ministers in conflict with the parliamentarians. As a general objective, we chose to observe dialogism in the political discourse. And as specific objectives, those of characterizing the parliamentary commission of inquiry as a discursive genre; to reflect on the dialogism in the utterances made by the participants of the PCI; and to analyze specific strategies of the political speech present in the speeches of the ministers and parliamentarians involved in the communicative situation. Supported by Bakhtin (2006; 1997) and Charaudeau (2006), in addition to Fiorin (2016), Travaglia (1996), among some others, we highlight with regard to the PCI, in terms of its compositional form, which establishes a specific situation of interaction, a relatively regulated dialogue, which can be characterized as a hybrid genre, since it articulates primary genres, more informal and colloquial, predominantly oral; and secondary, more formal and structured, predominantly written. We see the PCI as a broad space that materializes linguistic resources of all kinds; we have, in addition to the question and the answer, the reply and, eventually, the rejoinder; in addition, there are quotes from authors, journalistic, scientific and legal sources, in other words, the PCI session is the space for clash, dialogue, dialogism, where utterances signify in terms of other utterances; and its performativity is related to the participants and to the conditions of their saying. With regard to the speeches of former ministers, we highlight aspects considered dominant: in L. H. Mandetta, credibility and justification supported by knowledge that convinces the interlocutors; in N. Teich, the discourse characterized by vagueness, imprecision, and gaps that undermine its credibility; in E. Pazuello, we highlight dissimulation, the strategy of silence and vagueness. Finally, we emphasize the importance of discussing the topics dealt with in the PCI; from there, we seek to reflect on the way in which language is action and interaction, on the way in which the study of language allows us to understand events, the position of those who hold power and our position before them.

Keywords: dialogism; discursive genre; political speech.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>13</b>
<b>2.1 Concepções da linguagem.....</b>	<b>13</b>
<b>2.2 Conceitos fundamentais .....</b>	<b>15</b>
<b>2.2.1 Dialogismo.....</b>	<b>16</b>
<b>2.2.2 Gêneros do discurso.....</b>	<b>17</b>
<b>2.3 Estratégias do discurso político.....</b>	<b>19</b>
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>21</b>
<b>4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS.....</b>	<b>23</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>40</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objeto o diálogo, mais precisamente o dialogismo no discurso político. Não de qualquer discurso, mas daquele produzido durante o desenrolar da Comissão Parlamentar de Inquérito da COVID-19, iniciada em 13 de abril de 2021, para esclarecer os procedimentos do governo federal, diante da necessidade de gestão da pandemia provocada pelo coronavírus. Analisamos fragmentos dos discursos dos ex-ministros da saúde, Luiz Henrique Mandetta, Nelson Teich e Eduardo Pazuello, em embate com os parlamentares, procurando observar recortes significativos dos enunciados proferidos por esses interlocutores. Com certeza a CPI da COVID-19 deu e continuará dando o que falar mesmo após o fim da pandemia, pois trata-se de um tema extremamente relevante para a sociedade e que ficará marcado na história do país.

Observamos então enunciados proferidos pelos parlamentares. Fiorin (2016) explica que, na perspectiva bakhtiniana, “todo enunciado é dialógico, portanto o dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem, é o princípio constitutivo do enunciado. Todo enunciado se constitui a partir de outro enunciado, é uma réplica a outro enunciado” (FIORIN, 2016, p.27). Com base nessa premissa, temos como tema diferentes situações de interlocução, perguntas feitas aos ministros e respostas proferidas por cada um deles durante as convocações da CPI, tendo como referencial teórico para as análises a teoria dialógica de Bakhtin.

A realização desta pesquisa investigativa em torno da comissão parlamentar de inquérito (CPI) é relevante, porque as palavras ditas pelos ministros e parlamentares tiveram e têm repercussão na realidade. Ao longo das sessões, surgiram posicionamentos divergentes a respeito do que foi realizado no ano de 2020 em termos de busca por subsídios para solucionar o problema enfrentado pelo país no primeiro ano de pandemia. Voltando nossos olhos para o que afirma Fiorin (2016) entendemos que “um enunciado é sempre heterogêneo, pois revela duas posições, a sua e aquela em oposição a qual ele se constrói. Ele exhibe seu direito e seu avesso” (FIORIN, 2016, p.27). Ou seja, no caso da CPI vemos que qualquer palavra dita pelos participantes da sessão pode ser interpretada de, ao menos, duas formas diferentes durante os questionamentos, sendo capaz de expor posicionamentos políticos que provoquem adesão ou rejeição entre os interlocutores.

Diante do contexto apresentado, propomos o seguinte problema de pesquisa: a teoria dialógica, tal como proposta por Bakhtin, tem condições de dar conta do discurso político produzido na CPI? Entendemos que a teoria bakhtiniana revisa Saussure ao refutar o ponto de vista sincrônico e propor para a linguagem uma perspectiva diacrônica, comunicativa, situada historicamente, por isso supomos que o dialogismo tem o potencial de dar conta do objeto deste estudo – diálogos proferidos entre ex-ministros da saúde e parlamentares da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI).

Na tentativa de dar conta do objeto de estudo e de verificar a hipótese formulada, elegemos como objetivo geral o de analisar o dialogismo nos discursos proferidos pelos ministros convocados e pelos parlamentares participantes da CPI da COVID-19. E como objetivos específicos os de caracterizar a comissão parlamentar de inquérito enquanto gênero discursivo; refletir sobre o dialogismo nos enunciados proferidos pelos participantes da CPI; e analisar estratégias próprias do discurso político presentes nos discursos dos ministros e parlamentares envolvidos na situação comunicativa.

Justificamos a realização deste estudo, porque se trata de uma ocasião em que relacionamos teoria e prática, analisando a comissão parlamentar de inquérito (CPI) como um gênero, já que gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciados - que se alteram com o passar do tempo - sendo dotados de conteúdo temático, estilo e construção composicional. Mobilizamos aqui o conceito de gênero, situado em uma esfera específica, a do político, formado por enunciados dialógicos. Além das relações entre teoria e prática, esse estudo pode colaborar com a qualificação do professor como pesquisador e como sujeito participante na sociedade atual.

Durante as sessões da CPI, o diálogo materializa opiniões divergentes; pela análise das falas proferidas, em especial entre os parlamentares e os ex-ministros da saúde, observamos a linguagem materializada pelos discursos presentes nas reuniões polêmicas que abordaram um assunto de total emergência para a vida do país e que, por vezes, mobilizou várias outras ideias, dominantes para grupos específicos. São esses enunciados que materializam na enunciação ideias complementares ou contrastantes que estudamos.

Resta, por fim, para justificar a escolha deste objeto de estudo destacar a importância da discussão dos temas tratados durante as reuniões entre os parlamentares, procurando enfatizar o modo como a linguagem é ação e interação,

procurando enfatizar também o modo como o estudo da linguagem permite compreender acontecimentos e nossa posição diante deles.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

Nesta parte, revisamos concepções e conceitos que consideramos fundamentais para o desenvolvimento de nosso tema e para a realização de nossos objetivos. Essencial então é começarmos pelas concepções de linguagem para observarmos a posição ocupada por Bakhtin diante das concepções que lhe antecedem ou que lhe são contemporâneas. Depois disso, retomamos conceitos que aplicaremos às interlocuções a serem analisadas, tais como, dialogismo; enunciação e gêneros do discurso. A eles somam-se palavras e estratégias do discurso político, tal como propostas por Charaudeau (2006).

### 2.1 Concepções de linguagem

Para começarmos a refletir sobre o dialogismo faz-se necessário investigar as concepções de linguagem, para analisarmos a posição ocupada pelas ideias bakhtinianas a respeito do tema e para diferenciá-las das demais, identificando diferenças ou, mesmo, semelhanças, se houver.

Fuza, Ohuschi e Menegassi (2011), ao apresentar e discutir as concepções da linguagem, de acordo com Bakhtin, em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2006), nomeiam-nas como subjetivismo idealista, objetivismo abstrato e dialogismo. Explicam também que Geraldi as renomeia. Para o linguista, equivalem às designações acima as concepções de linguagem como expressão do pensamento, linguagem como instrumento de comunicação e linguagem como forma de interação, respectivamente. Nesse artigo, Fuza, Ohuschi e Menegassi (2011) estudam tais concepções e ampliam suas características para aplicá-las à realidade brasileira de ensino de línguas, mais precisamente ao ensino de leitura.

Os autores explicam que a concepção de linguagem como expressão do pensamento fundamenta-se na tradição gramatical grega, passando pelos latinos, pela Idade Média e pela Moderna, tendo rompimento efetivo apenas no início do século XX, com Saussure. Conforme os autores, essa concepção é considerada a primeira visão de linguagem, uma vez que nasceu a partir dos estudos de Dionísio de Trácia (século II a.C.), responsável pela elaboração da primeira gramática ocidental e pela noção de certo e errado no uso da língua. Para essa concepção, as pessoas não

se expressam bem porque não pensam. A expressão se constrói no interior da mente, sendo sua exteriorização apenas uma tradução. Nessa perspectiva, a linguagem é monológica e individual, não é afetada pelos interlocutores, nem pela situação social em que acontece. A expressão é algo que se produz na mente, sendo sua exteriorização apenas uma tradução.

Fuza, Ohuschi e Menegassi (2011) explicam que Bakhtin/Volochinov já ensinavam sobre a linguagem enquanto expressão do pensamento, mas chamavam esse modo de entender a linguagem como subjetivismo idealista. Essa ideia ligaria a linguagem à psicologia individual, entendendo a linguagem como um percurso que iria do interior para o exterior, não considerando fatores externos à comunicação, como o interlocutor. A língua seria concebida, assim, como um produto acabado, um sistema estável, um depósito inerte.

Na segunda concepção, linguagem como instrumento de comunicação, a língua "é vista como um código, ou seja, um conjunto de signos que se combinam segundo regras e que é capaz de transmitir uma mensagem, informações de um emissor a um receptor" (TRAVAGLIA, 1996, p. 22). Essa perspectiva está intrinsecamente ligada aos elementos comunicativos, em que o falante deseja transmitir uma mensagem a um ouvinte e, assim, coloca-a "em código (codificação) e a remete para o outro através de um canal (ondas sonoras ou luminosas). O outro recebe os sinais codificados e os transforma de novo em mensagem (informações). É a decodificação" (TRAVAGLIA, 1996, p. 22-23).

Conforme Fuza, Ohuschi e Menegassi (2011), nessa concepção instrumental da linguagem, a língua se mantém ainda como um sistema fechado; e suas leis são específicas e objetivas, sem haver vínculo entre o seu sistema e a sua história.

A terceira concepção de linguagem, segundo os autores citados, defende a ideia de que o lugar da linguagem é a interação. De acordo com Fuza, Ohuschi e Menegassi (2011), o sentido da língua se constitui na interação entre interlocutores envolvidos na enunciação. Essa interação acontece por meio de enunciados, unidades que, diferentes das unidades repetíveis da língua, são irrepetíveis.

Koch (2002, p. 17), também alinhada a Bakhtin, afirma que "o texto passa a ser considerado o próprio lugar da interação e os interlocutores, como sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e são construídos...".

As concepções da linguagem apontam para diferentes aspectos desse objeto: a linguagem é expressão do pensamento, é representação das coisas do mundo; é

ferramente, necessária para a transmissão das mensagens; mas é também ação e interação. Pela linguagem, agimos. Convém destacar para finalizar que as concepções não são excludentes, são complementares. Por elas, compreendemos a linguagem na sua complexidade.

## **2.2 Conceitos fundamentais**

Para compreender aspectos da abordagem teórica bakhtiniana e que consideramos fundamentais para nosso estudo, revisamos os conceitos de dialogismo, gêneros do discurso e estratégias do discurso político.

Segundo Fiorin (2016), para Bakhtin, a língua, em sua totalidade, concreta, viva, em seu uso real, tem a propriedade de ser dialógica. Essas relações dialógicas não se limitam ao diálogo face a face, que é apenas uma forma composicional, em que elas ocorrem. Ao contrário, todos os enunciados no processo de comunicação, independentemente de sua dimensão são dialógicos.

Por isso, todo o discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio. O dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados (FIORIN, 2016, p.22).

As unidades da língua, as palavras, as orações, os períodos, não são consideradas dialógicas, são repetíveis e formais, não tem um acabamento que permita resposta. Os enunciados, por sua vez, são considerados unidades reais de comunicação, por isso irrepitíveis, sempre proferidos em uma enunciação diferente, porque o acontecimento nunca se repete. Os acontecimentos são únicos, cada vez que são produzidos, têm um acento, uma apreciação, uma entonação própria, os enunciados têm autor, por isso, revelam uma posição (FIORIN, 2016, p.23-25).

Para Fiorin (2016), as unidades da língua são neutras; os enunciados, não. Quando produzimos um enunciado, participamos de um diálogo com outros discursos. Os enunciados tem autoria e expressam uma ampla gama de sentimentos ou de ideia característica de diferentes situações de produção.



### 2.2.1 Dialogismo

Segundo Fiorin (2016, p.27), “dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem, é o princípio constitutivo do enunciado. Todo enunciado constitui-se a partir de outro enunciado, é uma réplica a outro enunciado”. Nele, ouvem-se pelo menos duas vozes. Mesmo que elas não se manifestem no fio do discurso, elas se fazem presentes.

Para Fiorin (2016), quando se fala de dialogismo constitutivo, pensa-se em relações com enunciados. Um enunciado se constitui e significa em relação a outro que o precede ou que o sucede na cadeia de comunicação. Um enunciado solicita uma resposta, resposta que ainda não existe. Ele espera sempre uma compreensão responsiva ativa, constrói-se para uma resposta, seja ela uma concordância ou uma refutação.

Nesse sentido, não se pode dizer que haja dois tipos de dialogismo: entre enunciados e entre o locutor e seu interlocutor. Na verdade, o interlocutor é sempre uma resposta, um enunciado e, por isso, todo dialogismo são relações entre enunciados (FIORIN, 2016, p.36).

Além do dialogismo constitutivo, que não aparece no fio do discurso, há o dialogismo marcado, que se mostra. Nesse caso, segundo Fiorin (2016), temos a incorporação pelo enunciador de outras vozes, de outros enunciados. Quando isso acontecer, analisamos o dialogismo como forma composicional. “São maneiras externas e visíveis de mostrar outras vozes no discurso” (FIORIN, 2016, p.37).

Há duas formas de inserir o discurso do outro no enunciado:

- a. Uma, em que o discurso alheio é abertamente citado e nitidamente separado do discurso citante, é o que Bakhtin chama discurso objetivado.
- b. Outra, em que o discurso é bivocal, internamente dialogizado, em que não há separação muito nítida entre o enunciado citante e o citado (FIORIN, 2016, p.37).

São exemplos do primeiro caso, quando claramente distinguimos o citado do citante, o discurso direto, o discurso indireto, as aspas, a negação. O segundo caso, quando é mais difícil distinguir o citado do citante, pode ser exemplificado pela paródia, pela estilização, pela polêmica clara ou velada, pelo discurso indireto livre.

O dialogismo tem como objeto o enunciado que é unidade de comunicação. O enunciado significa, portanto, na enunciação que pode ser compreendida como uma

réplica do diálogo social. Trata-se tanto do discurso interior (diálogo consigo mesmo) quanto do exterior. A enunciação não existe fora do contexto social, supõe um locutor e um interlocutor, ao menos potencial. O locutor pensa e se exprime para um auditório social bem definido. “A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística (BAKHTIN, 2006, p. 124).

A enunciação, por estar relacionada à comunicação, à situação de produção do enunciado, não se alinha ao sistema sincrônico que não tem a ver com o uso efetivo da língua. Segundo Bakhtin,

Assim, de um ponto de vista objetivo, o sistema sincrônico não corresponde a nenhum momento efetivo do processo de evolução da língua. E, na verdade, para o historiador da língua que adota um ponto de vista diacrônico, o sistema sincrônico não constitui uma realidade; ele apenas serve de escala convencional para registrar os desvios que se produzem a cada momento no tempo. O sistema sincrônico da língua só existe do ponto de vista da consciência subjetiva do locutor de uma dada comunidade linguística num dado momento da história (BAKHTIN, 2006, p.92).

O sistema da língua observado como sincrônico é uma abstração. A enunciação serve a comunicação. Ela é concreta e como tal é histórica e produtiva. Segundo Bakhtin (2006), o locutor serve-se da língua para necessidades enunciativas concretas. Para ele, o sentido da língua não está na conformidade à norma da forma utilizada, mas na adequação ao contexto.

### **2.2.2 Gêneros do discurso**

De acordo com Bakhtin (1997, p. 279), “qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso”. Gêneros são criados pela sociedade, são enunciados estáveis em uma determinada historicidade, funcionam como mediadores entre o enunciador e o destinatário. O autor salienta a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso que podem ser orais ou escritos, mais ou menos informais. Os exemplos são quase ilimitados, a conversa, a carta pessoal, a carta oficial, o artigo de opinião, o artigo

científico, os gêneros literários. Ele ainda diferencia os gêneros primários dos secundários.

Os primeiros se constituem a partir das interações diárias, da comunicação verbal espontânea, são predominantemente orais; são primários também alguns tipos de escrita informal, como bilhetes e cartas pessoais. Os gêneros secundários por sua vez, se constituem em situações mais complexas de comunicação, principalmente escrita, como os discursos políticos, científicos, etc. Mas há mudanças, inter-relações entre eles. Para Bakhtin, “a inter-relação entre os gêneros primários e secundários de um lado, o processo histórico de formação dos gêneros secundários do outro, eis o que esclarece a natureza do enunciado (e, acima de tudo, o difícil problema da correlação entre língua, ideologias e visões de mundo)” (1997, 282).

Na perspectiva bakhtiniana, há três aspectos que caracterizam o gênero: o conteúdo temático, isto é, os assuntos ou temas típicos; o estilo, ou seja, a escolha dos recursos linguísticos do gênero; a construção composicional, ou formas de organização textual.

Fiorin, retomando Bakhtin, salienta que “os gêneros estão sempre vinculados a um domínio da atividade humana, refletindo suas condições específicas e suas finalidades. Conteúdo temático, estilo e construção composicional constroem o todo que constitui o enunciado, que é marcado pela especificidade de uma esfera de ação” (FIORIN, 2016, p.69).

De acordo com Fiorin (2016), conteúdo temático não deve ser analisado como um assunto específico de um texto, mas sim como um domínio de sentido de que se ocupa o gênero. Para exemplificar, “assim, as cartas de amor apresentam o conteúdo temático das relações amorosas. Cada uma das cartas trata de um assunto específico (por exemplo, o rompimento de x e y, por causa de uma traição) dentro do mesmo conteúdo temático. As aulas versam sobre um ensinamento de um programa de curso. As sentenças têm como conteúdo temático uma decisão judicial” (FIORIN, 2016, p.69).

A construção composicional é o modo de organizar o texto, de estruturá-lo. Por exemplo, uma carta possui elementos referenciais que normalmente a integram, interlocutores ou envolvidos na enunciação, um tempo e num espaço específicos, o que inclusive irá ancorar o uso de dêiticos específicos (FIORIN, 2016, p.69).

O estilo diz respeito a uma seleção de meios linguísticos. Para Fiorin, “Ele é, pois, uma escolha de certos meios lexicais, fraseológicos e gramaticais em função da

imagem do interlocutor e de como se presume sua compreensão responsiva ativa do enunciado” (FIORIN, 2016, p.69-70). Há, portanto, inúmeros estilos, dependendo da enunciação.

Para Fiorin (2016), conhecemos pela linguagem, pelos gêneros. Eles são os meios através de que apreendemos a realidade. E explica que:

Novos modos de ver e de conceptualizar a realidade implicam o aparecimento de novos gêneros e a alteração dos já existentes. Ao mesmo tempo, novos gêneros ocasionam novas maneiras de ver a realidade. A aprendizagem de modos sociais de fazer levar, concomitantemente, ao aprendizado dos modos sociais de dizer, os gêneros. Mesmo que alguém domine bem uma língua, terá dificuldade de participar de determinada esfera de comunicação, se não tiver controle dos gêneros que ela requer (FIORIN, 2016, p.77).

De acordo com o autor nos comunicamos através de gêneros que estão sempre mudando em virtude das exigências das diferentes esferas de comunicação. A seguir tentamos refletir sobre a esfera do político que serve de base para a compreensão de nosso objeto de estudo.

### **2.3 Estratégias do discurso político**

Com Bakhtin aprendemos que o dialogismo constitui a língua; decorre da interação entre enunciados e interlocutores. Charaudeau (2006), mais recentemente, retomando a ideia de que a linguagem é uma forma de ação, caracteriza o discurso político e identifica algumas das estratégias mais comuns desse dizer.

Para o autor a palavra, o discurso não se opõe à ação; a palavra é uma ação e seus efeitos tem a ver com os espaços de poder ocupados por quem a profere. Charaudeau ensina que:

Contrariamente a uma idéia que circula no imaginário social e que opõe a palavra à ação (seja na dissimulação, seja na eficácia), partirei da hipótese de que o discurso político (bem como todo tipo de discurso) não tem sentido fora da ação, e que a ação busca, para o sujeito político (mas também para todo sujeito) o exercício de um poder (2006, p.252).

Partindo, portanto, da hipótese de que o sentido do discurso, seja político ou não, se constitui na ação e que essa está relacionada ao poder, o autor caracteriza todo ato de linguagem como um agir sobre o outro. Todo ato de linguagem supõe sujeitos em relação, submetidos a um princípio de influência, relativo às intenções e

às trocas sociais que regulam as relações. Esse princípio de influência, potencialmente, evita o confronto corporal.

Charaudeau entende que a troca social realizada pelo ato de linguagem relaciona um sujeito falante e um sujeito alvo. Apesar do dinamismo dessa relação, o autor afirma que:

Essa possibilidade de sanção é que confere ao sujeito falante uma autoridade. Desde que ela seja reconhecida pelo parceiro, o projeto de influência adquire uma certa força de ação (a força perlocutória dos pragmáticos); ao mesmo tempo o sujeito alvo é colocado em uma posição de dominado, o sujeito de autoridade em uma posição de dominante, e os dois em uma relação de poder (2006, p. 254).

O autor relaciona linguagem e ação, o dizer e o fazer, partindo de diferentes situações de legitimidade: a do sujeito político que se encontra em uma enunciação fora da governança ou dentro da governança. Para ambos os casos, Charaudeau prevê tipos de palavras e estratégias discursivas que estão à disposição, quais sejam, palavra de promessa ou de advertência; palavra de decisão; de justificação; e por fim a palavra de dissimulação.

Depois dessas palavras, Charaudeau apresenta estratégias relacionadas à mentira no discurso político. Antes, no entanto, destacamos que para o autor “O discurso mentiroso não existe em si mesmo. Só há mentira dentro de uma relação em função dos objetivos que recobrem essa relação” (2006, p. 261). Destaca também que seria ingenuidade opor a mentira a uma verdade única. Apesar desse ponto de vista que salienta a relatividade da mentira, Charaudeau apresenta as seguintes estratégias: a estratégia do vago, a estratégia do silêncio, a estratégia da denegação e a estratégia da razão suprema.

Charaudeau destaca ainda as condições da palavra política, argumentando que, para persuadir, devem ser considerados três tipos de condições dos atos de linguagem, a saber, condição de simplicidade, de credibilidade e de dramatização.

## 4 METODOLOGIA

Primeiramente, realizamos uma pesquisa de natureza qualitativa que aborda o objeto de estudo, a partir de fragmentos de diálogos, buscando produzir pela análise da linguagem dos parlamentares alguns de seus efeitos de sentido.

Realizamos a análise, tendo por base fragmentos, ou melhor, algumas transcrições, feitas sob a forma de recortes, considerados significativos para o estudo. Esses fragmentos das reuniões revelam a divergência ou a convergência de posicionamentos que foram fundamentais para a análise dos temas recorrentes na CPI da pandemia.

Acima citamos “recorte” que neste estudo, alinhado ao domínio dos estudos enunciativos, pode ser definido, conforme Guimarães (2014, p. 50) como “um fragmento do acontecimento da enunciação”. Entendemos que não se trata simplesmente de uma sequência, mas de formas linguísticas que aparecem como correlacionadas em virtude de terem uma mesma relação com o acontecimento, independentemente da posição na sequência (GUIMARÃES, 2014).

A pesquisa estuda enunciados proferidos pelos ex-ministros e analisa a linguagem utilizada, partindo do pressuposto do dialogismo. O dialogismo é constitutivo, mas pode ter marcas produzidas pelo diálogo durante o tempo destinado à fala dos convocados e de outros parlamentares.

São realizadas transcrições das falas dos ex-ministros, recortes dos dizeres dos convocados e de seus interlocutores, da CPI da COVID-19, em diferentes sessões de que fizeram parte, conforme o que se segue:

- Sessão do dia 04/05/2021, das 3h e 48 min até às 3h e 58min, quando L. H. Mandetta é inquirido pelos senadores Humberto Costa e Eduardo Girão;

- Sessão do dia 05/05/2021, das 1h e 09min até a 1h e 10min, quando N. Teich é inquirido pelo senador Renan Calheiros;

- Sessão do dia 20/05/2021, da 1h e 09min até a 1h e 13min de sessão, quando E. Pazuello é inquirido pelos senadores Omar Aziz, Eduardo Braga, Renan Calheiros e Alessandro Vieira.

Salientamos que as horas indicadas acima referem-se ao tempo de sessão - em cada um dos dias indicados - que já havia transcorrido quando começamos a transcrição da fala até a finalização de nosso registro. Não se refere, portanto, a hora-

relógio, cronologicamente considerada, mas a duração de cada um dos vídeos disponibilizados pela TV Senado ao Youtube.

Destacamos também que o *corpus* da pesquisa foi constituído a partir de recortes curtos, feitos aleatoriamente, das falas dos ex-ministros da saúde convocados pela CPI, e dos parlamentares, seus entrevistadores. Não houve também equivalência na duração da transcrição das falas de cada um deles. Chamamos atenção, ainda, para o fato de que as análises referem-se aos sentidos produzidos exclusivamente pelos enunciados analisados e, de modo algum, dão conta da totalidade de enunciados proferidos nas sessões da CPI da COVID-19

## 5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS

A Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), proposta pelo Senado, composta para avaliar os atos do governo no combate à COVID-19 foi oficializada pelo presidente da casa, senador Rodrigo Pacheco (DEM-MG), no dia 13 de abril de 2021, após a divulgação da ordem do Supremo Tribunal Federal (STF).

A CPI foi instaurada a fim de, por meio de inquirições aos ex-ministros da saúde, avaliar as medidas tomadas pelo Ministério da Saúde subordinado ao governo federal no combate à pandemia. Do grupo de senadores, foram escolhidos os integrantes da mesa diretora e os demais participantes, senadores que devem inquirir convocados e convidados a prestar esclarecimentos na comissão.

A mesa diretora da CPI foi composta da seguinte forma: presidente, Omar Aziz (PSD-AM); vice-presidente, Randolfe Rodrigues (REDE-AP); e relator, Renan Calheiros (MDB-AL). À mesa, para darem informações, sentaram-se os ex-ministros da saúde, Luiz Henrique Mandetta, Nelson Teich e Eduardo Pazuello, além de outros convidados ou convocados que estiveram à disposição dos senadores.

A CPI dispunha de poderes fundamentais dentre os quais destacavam-se as convocações de pessoas para depor, o convite a testemunhas, os pedidos de documentos e relatos que poderiam ser usados para responder questões até então não respondidas. Por fim o seu resultado foi encaminhado por meio de um relatório final, ao Ministério Público e às demais autoridades competentes, com a finalidade de investigar possíveis ações e omissões durante a pandemia da COVID-19.

Se pensarmos na CPI da COVID-19 enquanto gênero do discurso, temos que refletir sobre seu conteúdo temático, sua construção composicional e seu estilo. Inicialmente identificamos como conteúdo temático a fiscalização da administração pública, para isso a CPI tem poderes de investigação equivalentes aos de autoridades judiciais<sup>1</sup>. Dentre os temas levantados durante as sessões, estão as ações ou omissões do Ministério da Saúde, realizadas por seus ministros, sob a anuência do governo Bolsonaro, diante da pandemia da COVID-19. Dentre essas ações ou omissões, situam-se o destino e a utilização de verbas, a adoção de medidas

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/assessoria-de-imprensa/releases/comissao-parlamentar-de-inquerito-o-que-e-e-como-funciona>. Acesso em: 16 ago. 2022.



sanitárias para prevenção e controle da doença, como isolamento social, uso de máscaras, tratamentos chamados de preventivos como a cloroquina.

No que se refere à forma composicional, revisamos o objetivo de caracterizar a CPI enquanto gênero pela extensão do trabalho que ultrapassaria o tempo disponível para o presente estudo. Preferimos então caracterizar aspectos de suas sessões. Entendemos que a sessão da CPI instaura uma situação específica de interação, um diálogo relativamente regrado, que basicamente compõe cada sessão. A sessão é composta pela abertura do presidente que é o primeiro a tomar a palavra durante as reuniões. O presidente apresenta, no caso deste estudo, o ex-ministro que participa da inquirição como depoente; depois disso, dá instruções sobre o desenvolvimento da interlocução; a seguir, as perguntas e respostas começam. O presidente modera o diálogo quando necessário. Ao final, seja pelo horário, seja pela amenização da discussão, seja pelo esgotamento das questões, o presidente declara encerrada a sessão, depois de antecipar as atividades do dia seguinte.

Entendemos que a CPI pode ser caracterizada como um gênero híbrido, uma vez que nela seus interlocutores materializam o que Bakhtin chama de gêneros primários, predominantemente orais; e secundários, predominantemente escritos. Ora os gêneros são mais formais e estruturados, semelhantes à escrita; ora são informais e coloquiais, semelhantes à fala ou à interação oral.

A CPI enquanto diálogo oral materializa diversas entonações, desde a mais referencial até a mais irônica ou, mesmo, irada, em momentos de maiores embates causados pelas divergências de argumentos entre os ex-ministros e os senadores que os questionam. Podemos dizer que a CPI é um espaço amplo que materializa recursos linguísticos de toda ordem; temos além da pergunta e da resposta, a réplica e, eventualmente, a tréplica; além disso, há citações de autores, de fontes jornalísticas, científicas e legais, ou seja, a sessão da CPI é o espaço do embate, do diálogo, do dialogismo, onde os enunciados significam em função de outros enunciados; e sua performatividade está relacionada aos participantes e às condições de seu dizer.

Segundo Fiorin (2006), estilo diz respeito a uma seleção de meios linguísticos. Ele é, pois, uma escolha de certos meios lexicais, fraseológicos e gramaticais em função da imagem do interlocutor e de como se presume sua compreensão responsiva ativa do enunciado. Nas sessões da CPI da COVID-19, seus integrantes, tanto senadores que realizam as inquirições quanto os depoentes, os ex-ministros da saúde, mobilizam a língua de diferentes modos nas situações de interlocução. Nas

transcrições a seguir, tentamos dar conta de aspectos relativos ao estilo dos envolvidos na interlocução, bem como complementar os relativos à forma composicional.

A seguir são transcritos fragmentos das interlocuções entre os ex-ministros da saúde Luiz Henrique Mandetta, Nelson Teich, Eduardo Pazuello e os senadores durante a CPI da pandemia.

Fragmento 1<sup>2</sup>: Transcrição de diálogo envolvendo o ex-ministro Luiz Henrique Mandetta, o senador Humberto Costa (PT) e o senador Eduardo Girão (PODEMOS), no dia 04/05/2021, das 3h e 48 min até às 3h e 58min.

*Fala 1 - H. Costa: “- Bom, senhor presidente, eu queria somente entregar ao ex-ministro Mandetta aqui um documento do DataSus<sup>3</sup> por que ele foi muito enfático em dizer que não houve no período em que ele tava no ministério nada em relação à cloroquina que não fosse nas suas aplicações habituais. Eu tenho aqui um registro do DataSus que se refere da data de 27 de março até 16 de abril, em que há, sob o nome do programa da COVID-19, o envio para todos estados do Brasil de 560 mil unidades da cloroquina. Pode ser que vossa excelência não soubesse”.*

*Fala 2 - L. H. Mandetta: - “Não, é pra eu...”*

*Fala 3 - H. Costa: - “Eu vou passar e ...”*

*Fala 4 – L. H. Mandetta: - “Não”*

*Fala 5 - Humberto Costa: - “Vossa excelência poderá..”*

*Fala 6 - L. H. Mandetta: - “ É eu acho que.. as ações foram para a cloroquina de uso hospitalar, pra uso...”*

*Fala 7 - Humberto Costa: - “ Mas tá escrito aí COVID-19”.*

*Fala 8 - L. H. Mandetta: - “Pra uso passivo em ambiente hospitalar”.*

*Fala 9 - Humberto Costa: - “Aquele nos casos graves?”*

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/videos/2021/05/ao-vivo-cpi-da-pandemia-ouve-o-ex-ministro-luiz-henrique-l. H. Mandetta-04-05-2021.>

<sup>3</sup> DataSus significa Departamento de informática do sistema único de saúde.

*Fala 10 - L. H. Mandetta: - “Graves e moderados, e graves porque os hospitais falaram: Olha, embora você coloque isso, essa medicação não é hospitalar, os hospitais não trabalham com cloroquina. Cloroquina é sempre uma coisa de atenção primária. Então foi solicitado e foi remetido a eles no âmbito do uso compassivo”.*

Nesse momento o senador Randolphe Rodrigues (MDB) que ficava responsável pela mediação e controle do tempo destinado à fala de cada inquiridor, interrompeu o diálogo entre o senador Humberto Costa (PT) e o ex-ministro da saúde Luiz Henrique Mandetta e passou a palavra ao senador E. Girão que inicialmente agradece a palavra. A fala do senador começa às 3h e 50 min. Segue abaixo a continuação do fragmento 1, entre os dois participantes:

*Fala 11 - E. Girão: -“Vossa Senhoria Luiz Henrique me permita lhe chamar assim, porque é o nome do meu primogênito Luiz Henrique e eu fico mais a vontade ainda, mais... Vossa Senhoria, Francisco de Assis, grande pacifista e humanista tem uma frase que é muito inspiradora e que diz o seguinte: ‘As palavras podem até convencer, mas é o exemplo que arrasta’. A gente viu várias aglomerações do Presidente da República, inclusive o senador Ezaucir Lucas aqui presente fez um requerimento. Eu acolhi prontamente pela independência e apresentei esse requerimento pra ver a agenda presidencial desses encontros e eu queria saber a opinião do senhor com relação a liderança maior do país dando este tipo de exemplo.”*

*Fala 12 - L. H. Mandetta: - “Olha, eu acho que todos nós em algum momento acertamos e erramos. Existe a necessidade de se ver em que circunstâncias que isso se dá, se há o dolo intencional ou se há aquela coisa vou fazer por... vou fazer exatamente pra... confundir, induzir, né? Eu acho que isso é o que divide.”*

*Fala 13 - E. Girão: -“Tá, então o senhor considera que foi um equívoco de sua parte na despedida do ministério da saúde em abril de 2020, onde a gente já tinha números preocupantes da pandemia, o senhor foi flagrado, abraçado, cantando, sem máscara, aglomerando no interior do próprio ministério da saúde. E em novembro de 2020, com a situação mais delicada ainda que a nação vivia, o senhor tava jogando sinuca em ambiente de aglomeração, sem máscara ao lado de pessoas sem máscara. Isso foi um erro? Ou isso é uma hipocrisia?”*

*Fala 14 - L. H. Mandetta: -“ A Tereza que era funcionária do Ministério da Saúde, naquele momento o Ministério da Saúde tava muito comigo, senador. Na semana*

anterior eu já era ameaçado de demissão e eles desceram todos para o chão do Ministério da Saúde pra me receber e comemoraram que eu permaneci. E eu os mandei trabalhar. Nós trabalhávamos com conselho de biossegurança forte, o uso do colete do SUS não era nada além do que a recomendação do Wanderson, já que ternos e gravatas, como não são lavados todos os dias, podem ser elementos de transmissão. Conseguimos atravessar com toda equipe sem um caso, naquele dia foi o dia que foi testado todo mundo no teste rápido. E a Tereza é uma funcionária de carreira. E eu a abracei simbolicamente se despedindo, eu não deveria, mas era muita emoção naquele momento ali, era uma equipe muito unida. Quanto ao segundo ato é ... nós estávamos em novembro. Estávamos em eleições Municipais, todas as cidades estavam já com as suas regras estabelecidas e o estabelecimento estava aberto era um sábado à noite. Tava eu e meu filho, até numa conversa de pai pra filho e você pede alguma coisa para comer e ele tava ali. E eu vi que eles bateram a fotografia. Mas dentro do que eram as regras da minha cidade, assim como depois voltando de uma visita que faço anualmente e esse já fui e foi nesse dia que eu fui a Aparecida, eu sou devoto de Nossa Senhora Aparecida e desci pelo litoral e parei ali pra ver uma praia. E parei durante duas horas e fui embora também. Mas todas elas dentro das regras que eram estabelecidas para aquele momento nos locais que eu estava”.

Fala 15 - E. Girão: - “Muito obrigado! Vossa Senhoria falou aí que, no dia 3 de janeiro do ano passado, o Brasil emitiu um comunicado. Não sei se essa é a expressão para a OMS perguntando se existia uma pandemia. No dia 24 de fevereiro, a OMS respondeu dizendo que existia. Eu lhe pergunto: Por que que o senhor, como Ministro da Saúde do Brasil, não recomendou expressamente que quase um mês depois no dia 21 de Fevereiro, uma festa tradicional no Brasil chamada Carnaval, inclusive o senhor deu uma entrevista, eu tô aqui com ela ao UOL. Aos bastidores do poder da rádio Bandeirantes que foi republicado pelo UOL, dizendo o seguinte: “Coronavírus preocupa no Carnaval’, mas não tem como parar a vida. Ou seja, por que que o senhor não falou com o Presidente, não pediu de alguma forma para que as pessoas não realizassem, as prefeituras, os estados não realizassem o Carnaval no Brasil, ministro?”

Fala 16 - L. H. Mandetta: - “Primeiro, com o presidente, com certeza, não teria sido o mais fecundo. Agora, a gente seguia nesse momento, senador Girão, as recomendações da OMS. A OMS não mandou fechar voos da China. As feiras de

*negócios continuaram a acontecer. Expressamente, ela dizia que não era pra fazer restrição de movimentação, não havia nenhum caso registrado dentro do Brasil. Nós estávamos sobre efeito de vigilância. Os brasileiros, o mundo estava ainda andando. Até pra ilustrar. Eu fui um dos poucos Ministros de Estado do mundo convidado para o fórum econômico de Davos na Suíça. O Presidente dos Estados Unidos, Trump, estava lá. Não tinha ninguém de máscara, não tinha nenhum álcool gel, isso era no dia 23, 22 de Janeiro. As reuniões eram todas em salas fechadas, tava frio do lado de fora. Tinha uma delegação da China para todos os lados e não havia nenhum tipo de alerta sobre absolutamente nada, embora a gente já captasse. Esse era o mundo Senador! Esse era o Mundo! No mundo inteiro...”*

*Fala 17 - E. Girão:- “Tá, agora, o Presidente pediu pra que não se realizasse o carnaval.”*

*Fala 18 - L. H. Mandetta: -“ Não!”*

*Fala 19 - E. Girão:- “ Presidente da República”*

*Fala 20 - L. H. Mandetta: -“ Não! Não!”*

*Fala 21 - E. Girão:- “ Não para o senhor! Mas ele chegou a falar isso publicamente.”*

*Fala 22 - L. H. Mandetta: -“ A mim não! Nunca!”*

Na fala 1, há uma insinuação de que o ministro mentiu sobre o uso da cloroquina que, segundo o senador, estaria à disposição para uso massivo. Na fala 6, o ministro começa a responder ao senador com o que podemos chamar de palavra de justificação ainda que enfraquecida pelo uso da forma verbal “acho” que aponta para uma opinião, não para uma certeza. Nas falas 8 e 10, a justificação se fortalece, à medida que confirma o pedido dos hospitais para autorizar a decisão de usar a cloroquina em casos graves e moderados. O ministro justifica a decisão, ao argumentar que o uso da cloroquina estava delimitado ao “uso compassivo em ambiente hospitalar”. O uso compassivo refere-se à compaixão, ao compadecimento dos agentes de saúde diante de um quadro grave, considerado por vezes irreversível, que permite o uso de medicamentos experimentais ainda sem autorização da ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária).

Na fala 11, começa a interlocução com E. Girão. O senador, ao recuperar ocasiões em que o presidente da república teria participado de condenáveis aglomerações, parece induzir L. H. Mandetta a criticar Bolsonaro, numa prática de linguagem que podemos chamar de dissimulação, conforme Charaudeau (2006). Na fala que se segue, a 12, o ex-ministro relativiza a situação. Girão volta a carga na fala 13, para condená-lo por razão semelhante – imprudência nos cuidados com as possibilidades de transmissão do Coronavírus – e inquiri-lo sobre a possibilidade de ter errado ou de ser hipócrita.

Na fala 14, a palavra de justificação ganha força, porque o ex-ministro justifica suas ações nas duas datas. Sobre abril de 2020, argumenta que não houve casos de contaminação pelo coronavírus na equipe do ministério e que no dia da confraternização todos tinham sido testados. Sobre novembro de 2020, justifica seus atos alegando que as ações praticadas estavam dentro das regras dos locais frequentados na ocasião.

Destacamos também a condição de credibilidade pela posição ocupada na ocasião dos eventos – a de Ministro da Saúde - e pela formação de médico que autorizou as atitudes do então ministro e as do convocado na CPI. Salientamos também a condição de simplicidade, ao confessar-se devoto de Nossa Senhora Aparecida, santa que representa o brasileiro humilde e devoto.

Na fala 15, E. Girão questiona L. H. Mandetta sobre a possibilidade de suspender o Carnaval em 2020, o que não foi feito pelo ministro. No que se refere a L. H. Mandetta, na fala 16, há justificação e condição de credibilidade: datas e lugares são indicados para conferência. Soma-se a isso a negação categórica do ministro (falas 18, 20 e 22) que pode ser considerada palavra de decisão. No que se refere a Girão, na fala 17, parece haver a estratégia do vago, porque não há indicação equivalente de data e lugar em que Bolsonaro teria recomendado a suspensão do Carnaval.

Segundo Charaudeau (2006) a palavra de justificação reafirma a legitimidade e a razão de ser do indivíduo político frente aos seus opositores. Além de ser uma defesa às críticas, esta palavra é um meio de confirmar a boa índole do político e sua provável inocência diante de acusações.

Podemos destacar L. H. Mandetta como um locutor que procurou em seu discurso, falar aos seus interlocutores de maneira enfática sobre os temas relacionados às suas ações como ministro da saúde. Nas falas do ex-ministro

predominam palavras de justificação e de decisão, preenche também condições de credibilidade e de simplicidade em seu testemunho (Charaudeau, 2006).

L. H. Mandetta passa uma imagem de lucidez, de engajamento. Depreendemos de seu depoimento que, durante sua gestão, se colocou à disposição do governo federal para solucionar as demandas que lhe foram impostas com transparência e retidão diante de um momento de crescimento de casos da COVID-19 e de crise na saúde brasileira.

Fragmento 2<sup>4</sup> - Transcrição de diálogo envolvendo o ex-ministro da Saúde Nelson Teich e o senador Renan Calheiros (MDB). O diálogo ocorreu no dia 05/05/2021, das 1h e 09min até a 1h e 10min.

*Fala 1 - R. Calheiros: - “Havia algum planejamento para distribuição de cloroquina para estados e municípios?”*

*Fala 2 - N. Teich: - “Que passasse pela minha orientação, não”.*

*Fala 3 - R. Calheiros:- “Não passava pela orientação do ministério?”*

*Fala 4 - N. Teich:- “Não, não.”*

*Fala 5 - R. Calheiros:- “Ou passava do ministério e não pela orientação da Vossa senhoria?”*

*Fala 6 - N. Teich:- “Não! Do que eu vivi naquele período, a gente nem falava em cloroquina.”*

*Fala 7- R. Calheiros:- “ Mas não ouvia falar? E as informações públicas de setores do governo?”*

*Fala 8 - N. Teich: - “Não, na verdade. Na verdade é... o que que acontece, o dia a dia é...era um dia a dia extremamente intenso. Porque era um momento muito difícil. Na...faltavam respiradores, faltavam EPIs, as mortes aumentando, os casos*

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/videos/2021/05/ao-vivo-cpi-da-pandemia-ouve-o-ex-ministro-da-saude-/nelson-teich>. Acesso em: 11 /07/2022.

*aumentando e... foi um assunto que não chegou a mim em relação à produção de cloroquina.”*

Na fala 2, em resposta a 1, temos indícios de que ordens estivessem sendo dadas, no Ministério da Saúde, à revelia do ministro. O ex-ministro revela dúvida, incerteza no que se refere à distribuição de cloroquina a estados e municípios; sua resposta não passa credibilidade aos interlocutores que acompanham a CPI.

O senador, na fala 3, retoma a afirmação feita por N. Teich na fala 2, transformando-a em interrogação. A repetição retoma o tema da afirmação anterior e acaba por reiterar a ideia de incerteza ou de desconhecimento por parte do ministro acerca do que acontecia no ministério sob seu comando.

A resposta de N. Teich, na fala 4, aponta para os estreitos limites de poder do ex-ministro, uma vez que idealmente a distribuição, ou não, de medicamentos deveriam estar sob seu comando.

R. Calheiros ainda volta a carga pela pergunta seguinte, fala 5, apontando novamente para a alienação de N. Teich a comandos aos quais não tinha como fazer frente. Na interlocução que se segue, falas 6, 7 e 8, destacamos o modo lacunar de N. Teich, que responde com enunciados curtos com muitos “nãos”, seguidos de pontuação indicativa de exclamação. O ex-ministro, na fala 6, relata não ter conhecimento de nenhum protocolo que pudesse tratar do uso da cloroquina durante sua atuação como ministro da saúde. Na fala 8, destacamos também a omissão de informações utilizando a estratégia denominada por Charaudeau (2006) como denegação pois em sua resposta às inquirições, o ex-ministro nega qualquer hipótese relacionada à "produção de cloroquina" durante sua gestão no Ministério da Saúde.

N. Teich, em suas respostas às inquirições materializa o que Charaudeau nomeia como estratégia do silêncio ou do vago. A imprecisão produz o descrédito, a dúvida em seus interlocutores enquanto a veracidade de suas ações frente ao Ministério da Saúde.

Entendemos que nessas falas temos a estratégia do vago, no sentido de que o ex-ministro, aparentemente, é impreciso, ou por não ter conhecimento de todas as ações do governo durante o breve período em que foi ministro ou por precisar omitir o que sabe. Em função disso, precisa modalizar o que diz. Não pode fazer afirmações que podem ser contestadas logo a seguir. Como consequência temos também a



estratégia do silêncio, se não a total ausência de fala, temos a lacuna, a resposta curta, a impossibilidade de discorrer sobre o que lhe foi perguntado de modo mais completo.

Fragmento 3<sup>5</sup> - Transcrição de diálogos envolvendo o ex-ministro Eduardo Pazuello e os senadores Omar Aziz (PSD), Eduardo Braga (MDB), Renan Calheiros (MDB) e Alessandro Vieira (PSDB). Este diálogo foi datado no dia 20/05/2021, da 1h e 09min até a 1h e 13min de sessão.

*Fala 1: O. Aziz: - “Ministro Pazuello, através desse programa se recomenda, o Ministério da Saúde pro.. é.. recomendava cloroquina para gestantes e crianças. O senhor confirma isso?”*

*Fala 2: E. Pazuello: (O ex-ministro fica em silêncio).*

*Fala 3: E. Braga: - “O senhor concluiu, general?”*

*Fala 4: E. Pazuello:: - “ O senhor fez uma outra pergunta? Eu..”*

*Fala 5: E. Braga: - “Não, Não. Nós estamos. Eu fiquei surpreso foi com o fato de que...”*

*Fala 6: E. Pazuello:: - “Sim?”*

*Fala 7: E.Braga: - “Esse TrateCov foi...”*

*Fala 8: E. Pazuello:: - “Foi raqueado.”*

*Fala 9: E. Braga: - “Roubado!”*

*Fala 10: E. Pazuello:: - “Foi roubado.”*

*Fala 11: E. Braga: - “Foi raqueado?”*

*Fala 12: E. Pazuello::- “ Foi raqueado.”*

*Fala 13: E. Braga:- “ E claramente ministro me parece...”*

*Fala 14: E. Pazuello::- “ Foi raqueado lá em Manaus.”*

*Fala 15: E. Braga: - “ Me parece que..”*

---

<sup>5</sup> Disponível em : <https://www12.senado.leg.br/noticias/videos/2021/05/ao-vivo-cpi-da-pandemia-ouve-eduardo-pazuello-ex-ministro-da-saude-20-5-2021>. Acesso em: 27/05/2022.

*Fala 16: E. Pazuello: - “Naquela apresentação.”*

*Fala 17: E. Braga: - “Mais um erro, mais um equívoco, mais uma falha. Agora, ficou muito claro na resposta.*

*[...]⁶*

*Fala 18: O. Aziz: - “E que recomendou. O Ministério da Saúde recomendou o uso de cloroquina para crianças e gestantes.*

*Fala 19: E. Pazuello: - “Não !”*

*Fala 20: O. Aziz: - “Há sim uma recomendação do Ministério da Saúde. Eu esttoui afirmando porque em Manaus foi o que aconteceu. O único local que teve esse aplicativo e essas recomendações, por isso que eu estou aqui tentando com o Senador Eduardo, que é nossa obrigação em relação ao estado do Amazonas, tratar dessa questão. Tô lhe fazendo essa pergunta porque o senhor foi pra lá, o senhor deu entrevista nesse sentido, a doutora Maira fez essa entrevista, chamou os médicos, recomendou o TrateCov”.*

*Fala 21: E. Braga: - “Fizeram publicidade de médicos, inclusive, de um ginecologista! Sobre... o..TrateCov.*

*Fala 22: E. Pazuello: - “O TrateCov no final das contas, senador, ele não foi utilizado, ele nunca foi utilizado por médico algum. Ele não teve resultado é... objetivo algum. Afinal ele foi retirado, ele foi descontinuado.*

*Fala 23: E. Braga: - “ Mas o que está claro é que houve operação. Isso já tá dito que houve operação, sim!”*

*Fala 24: R. Calheiros: - “O senhor está negando que houve operação?”*

*Fala 25: E. Pazuello: - “Que operação? Não entendi.”*

*Fala 26: R. Calheiros: - “A Implantação! Do aplicativo!*

*Fala 27: E. Braga: - “A implantação do sistema!”*

---

<sup>6</sup> Nessa parte, há uma fala denunciando a implantação do sistema TrateCov cujo locutor não conseguimos identificar.

*Fala 28: E. Pazuello: - “Sim. Ele foi iniciado e foi apresentado ainda não concluso. Ele precisava ser todo carregado ainda.”*

A seguir, em meio a falas sobrepostas dos senadores e a reclamações sobre a dificuldade de falar na sessão, o presidente O. Aziz (PSD) passa a palavra ao senador Alessandro Vieira (PSDB). Antes de o senador tomar a palavra, diante da queixa por parte de um dos senadores de que o depoente “não conseguia falar”, O. Aziz garante que o ex-ministro terá o tempo de que precisar para manifestar-se. Outro senador diz que o depoente não está na sessão para falar livremente, mas para responder perguntas. Talvez essa afirmação tenha dado margem a E. Pazuello para eximir-se da responsabilidade de comentar a afirmação feita por A. Vieira, logo a seguir, na continuação do fragmento 3, uma vez que não está formulada sob a forma de pergunta.

*Fala 29: A. Vieira: - “Muito obrigado, senhor Presidente. É só um pequeno esclarecimento. E se não tá juntado, a CPI pedi a juntada. Eu tenho aqui um documento datado de 06 de janeiro de 2021, assinado por Vossa Excelência, ex-ministro general Eduardo Pazuello, onde estabelece entre as ações a ser desencadeadas no estado do Amazonas, no item e, a disponibilização do aplicativo desenvolvido para diagnóstico e conseqüentemente enfrentamento do COVID. No dia 6 de janeiro a determinação de Vossa Excelência formalizada em documento era que o aplicativo fosse desenvolvido, não em desenvolvimento, e fosse disponibilizado. Isso são fatos!”*

*Fala 30: E. Pazuello: - “É pra responder?”*

*Fala 31: E. Braga: - “Acho que a resposta do ministro já tá dada trazendo mais uma revelação pra esse plenário. E é de que havia conhecimento da questão do oxigênio, inclusive matérias publicadas. A própria Secretaria do Estado no dia 6 dizia que não faltaria oxigênio. Sua equipe esteve presente, faltou planejamento, faltou ação e faltou responsabilizar aqueles que tinham que tomar providências, porque dinheiro tinha, ministro! O que não houve foi planejamento e ação para salvar vidas. Porque vidas importam e vidas brasileiras e amazonenses importam! Muito obrigado, senhor ministro.”*

Das falas 1 a 17, há um diálogo entre E. Braga e E. Pazuello, em que o senador pergunta ao ex-ministro sobre a recomendação de tratamento precoce para a COVID-19, feita através do aplicativo TrateCov, do Ministério da Saúde. De acordo com o G1, a plataforma teria sido lançada para profissionais de saúde de Manaus, mas era acessível a qualquer um. Teria saído do ar em janeiro de 2021, em um cenário dramático de falta de oxigênio e de recordes de mortes no Amazonas<sup>7</sup>.

As falas são desconstruídas e lacunares. Na fala 2, E. Pazuello, em vez de responder ao primeiro questionamento feito sobre o tema, opta pelo silêncio. Na seguinte, fala 3, E. Braga ironiza, questionando-o sobre se o silêncio seria a conclusão. Nas falas que se seguem até a 17, há um embate em torno de duas ideias: o TrateCov saiu do ar ou por ter sido haqueado ou por ter sido roubado. Notícias difundidas na época apontaram para a retirada do TrateCov do ar pela sugestão de tratamentos precoces para a COVID-19, feitos a base de cloroquina, hidroxiclороquina ou azitromicina, recomendados na plataforma, apesar de serem comprovadamente ineficazes. Se a ideia do senador era fazer o ex-ministro admitir essa razão para a retirada do ar do TrateCov, não teve êxito. O embate girou em torno de “foi roubado” ou “foi haqueado”. E. Braga, diante de respostas consideradas insuficientes, conclui *“Mais um erro, mais um equívoco, mais uma falha. Agora, ficou muito claro na resposta.*

Na fala 18, O. Aziz volta ao diálogo e recoloca a afirmação de que o governo recomendou o tratamento preventivo com a cloroquina para crianças e gestantes, pelo aplicativo TrateCov, elaborado exclusivamente para Manaus. E. Pazuello, nas respostas proferidas nas falas 19, 22, 25 e 28, nega a recomendação do tratamento preventivo e minimiza a importância do TrateCov, destacando o fato de que foi retirado do ar. Os senadores, por sua vez, salientam a “operação”, a “implantação” do sistema enquanto E. Pazuello destaca o fracasso do TrateCov. Se assumir qualquer importância que o aplicativo possa ter tido enquanto esteve no ar, pode sofrer consequências sobre a recomendação de um tratamento considerado ineficaz mundialmente.

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/01/21/aplicativo-de-ministerio-que-recomenda-tratamento-precoce-para-COVID-19-sai-do-ar.ghtml>. Acesso em: 27 jul. 2022.

O presidente cede a palavra ao senador A. Vieira que, na fala 28, tenta recolocar a hipótese da responsabilidade do ex-ministro sobre a “*disponibilização do aplicativo desenvolvido pra diagnóstico e enfrentamento do COVID*”, amparada em documento, segundo o senador, assinado por E. Pazuello quando ministro. E. Pazuello até então tentava minimizar a importância e a disponibilização do aplicativo. Diante da fala de A. Vieira, em vez de tratar do tema, confirmando, refutando ou desenvolvendo a afirmação feita pelo senador de outra forma, a estratégia foi voltar-se para o próprio enunciado, perguntando “É pra responder?”. Na perspectiva do ex-ministro, ele deve responder perguntas, não afirmações.

O diálogo entre E. Pazuello e seus inquiridores apontam para o equívoco, para o vago e para a dissimulação. Na perspectiva do ex-ministro, o TrateCov ora foi haqueado, ora foi roubado. Não houve medicação inapropriada para gestantes e crianças porque o TrateCov foi “*retirado*”, “*descontinuado*”. Quando há afirmações sobre ações erráticas do ministério sob o comando do ex-ministro, a resposta do ex-ministro limita-se a “é pra responder?”. Não há admissão de culpa, a acusação fica sob a responsabilidade dos arguidores que apresentam provas de vários tipos, sem no entanto provocar a resposta pretendida.

Na fala 31, última que nos serve como objeto de análise deste estudo, salientamos que E. Braga chama atenção para a falta de oxigênio, para a falta de planejamento, falta de ação, falta de responsabilidade dos que tinham que tomar providências, apesar da existência de dinheiro, o que levou ao sacrifício de muitas vidas na cidade de Manaus. Além disso, em sua linguagem, identificamos uma das condições apresentadas por Charaudeau (2006), pelo enunciado “*O que não houve foi planejamento e ação para salvar vidas. Porque vidas importam e vidas brasileiras e amazonenses importam! Muito obrigado, senhor ministro!*”. O senador representa a condição de dramatização, pois, por meio dela, ele desqualifica a gestão de Pazuello e utiliza palavras que emocionam seus ouvintes e que podem persuadi-los a concluir que faltou claramente o engajamento dos envolvidos no Ministério da Saúde durante a pandemia da COVID-19.

Na tentativa de comparar aspectos dominantes nas falas dos 3 ex-ministros, destacamos em L. H. Mandetta a credibilidade que convence os interlocutores sobre seu empenho e acerto na tomada de decisões, assim como o conhecimento sobre os temas tratados durante as inquirições. Contrapondo-se a isso, o segundo convocado a depor na CPI, o ex-ministro N. Teich, apresentou um discurso caracterizado pelo

vago, pela imprecisão, pela lacuna que prejudicam sua credibilidade, se não enquanto médico, seguramente enquanto escolhido para chefiar o Ministério da Saúde durante a pandemia. Nas falas de E. Pazuello, por fim, destacamos a dissimulação, a estratégia do silêncio e a do vago. Não há clareza em sua linguagem. O depoente parece fugir de sua responsabilidade que é responder aos questionamentos e argumentos levantados pelos responsáveis pelas inquirições.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho analisamos o dialogismo no discurso político, produzido durante a Comissão Parlamentar de Inquérito da COVID-19, que aconteceu entre os meses de abril a outubro de 2021, o que nos levou a refletir sobre dialogismo, discurso político e linguagem.

Pensar em dialogismo é pensar sobre o funcionamento real da linguagem, é pensar que um enunciado se constitui a partir de outro, é pensar que o sentido se constitui na enunciação e entre interlocutores. Refletir sobre o discurso político significa refletir sobre a verdade e a mentira, e sobre as diferentes estratégias mobilizadas para materializá-las pela linguagem.

Quanto à linguagem, podemos concebê-la como expressão ou representação do pensamento; como ferramenta ou meio para transmissão de mensagens; como ação ou interação entre interlocutores, ação capaz de produzir certos efeitos no mundo em virtude das posições ocupadas por seus enunciadores. O ex-ministros, subordinados ou não, tomaram atitudes que repercutiram no Brasil, sob a forma de ações acertadas ou não para combater a pandemia da COVID-19. Nossa tarefa, neste trabalho de conclusão de curso, é a de produzir sentidos pela análise de aspectos relacionados ao funcionamento da linguagem nessa situação específica.

Resta-nos, no entanto, identificar elementos que podem ser desenvolvidos em trabalhos posteriores por nós ou por outros que se inspirem neste trabalho. Referimo-nos tanto ao objetivo de caracterizar a CPI em sua totalidade enquanto gênero, em vez de apontar aspectos que caracterizam apenas uma sessão como fizemos, quanto a uma sistematização relacionada ao estilo de cada um dos ex-ministros, o que poderia ser feito com um levantamento mais pontual de expressões usadas por eles, estudo que provavelmente teria apontado para outros sentidos que até o momento não conseguimos constituir.

E, por fim, salientamos o valor de, ao relacionar teoria e prática, refletirmos sobre um assunto essencial, a grave crise de COVID-19 a qual atravessamos. Acreditamos que a CPI da pandemia trouxe vários temas polêmicos que necessitavam ser conhecidos pelo público, inclusive, mostrou aos brasileiros que durante a gestão dos ex-ministros, houve falhas, lacunas, no que se refere às ações voltadas ao preparo do país para o enfrentamento da COVID-19, vírus que ceifou a vida de mais

de 650.000 pessoas no país até o momento. Como futuro professor de língua portuguesa, destaco a importância de continuarmos a refletir sobre esse tema.



## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. Cidade: Hucitec, 2006.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CHARAUDEAU, P. O discurso político. In: EMEDIATO, W.; MACHADO, I. L.; MENEZES, W. (Orgs.). **Análise do discurso: gêneros, comunicação e sociedade**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

FIORIN, José Luíz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

FUZA, Angela; OHUSCHI, Márcia; MENEGASSI, Renilson. Concepções de linguagem e o ensino da leitura em língua materna. **Linguagem e ensino**. Pelotas, v.14, n.2, p. 479-501, jul/dez.2011.

GUIMARÃES, Eduardo. Espaço de Enunciação, Cena enunciativa, Designação. **Fragmentum**. n.40. Laboratório Corpus: UFSM, jan./ mar.2014.

TRAVAGLIA, L. C. Concepções de linguagem. In: \_\_\_\_\_. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. São Paulo: Cortez, 1996.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.  
Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/04/entenda-como-funciona-uma-cpi-e-os-poderes-da-comissao-que-investigara-acoes-na-pandemia-da-covid.shtml>. Acesso em: 12/06/2022.